

# “Y LA CULPA NO ERA MÍA, NI DÓNDE ESTABA, NI CÓMO VESTÍA”: VIOLÊNCIA DE GÊNERO E ATIVISMO FEMINISTA NA INTERNET<sup>27</sup>

CLÁUDIA MAIA  
MARIA CLARA SILVA CHAVES  
RENATA SANTOS MAIA

A violência de gênero é um problema estrutural que as mulheres enfrentam desde o início da formação de sociedades mais complexas até os dias atuais. Porém, nas últimas décadas ela se tornou mais visível, chamando a atenção especialmente durante o período de distanciamento social, como medida de enfrentamento à pandemia de COVID-19, quando as ocorrências de casos de violência contra a mulher aumentaram de forma preocupante.

De acordo com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2020), só no primeiro mês de *lockdown* no Brasil (março de 2020) houve um aumento de 43% de relatos de brigas de casais publicados na rede social Twitter. Sendo que, deste total, 5.583 menções indicavam ocorrência de violência doméstica. Além disso, em 2021, segundo a pesquisa, o disque 190 recebeu uma ligação a cada minuto para denunciar violência doméstica (FBSP, 2020).

Neste cenário, a internet se tornou um espaço onde as mulheres se sentiram mais confortáveis para denunciar os abusos que sofreram, usando de estratégias para dar visibilidade aos seus relatos e unindo-se em várias partes do mundo para lutar juntas contra a violência de gênero. Entretanto, esses ativismos feministas acabaram também ganhando um antagonismo, personificado nas manifestações sexistas e na formação de organizações antifeministas no ciberespaço, contra o qual vêm reunindo esforços para se sobrepor.

A internet e as redes sociais têm sido locais importantes para o debate acerca das violências sofridas pelas mulheres na sociedade. Nesse sentido, a relevância desta pesquisa está em conhecer ações e reações da sociedade contra a violência de gênero, pois tais reações são fundamentais para influenciar a mudança de comportamento e as políticas de intervenção estatal que deveriam assegurar o direito de proteção e de uma vida sem violência.

Nesse sentido, objetivamos neste capítulo discutir o ativismo feminista na internet na luta contra a violência de gênero, por meio da análise da performance de protesto *Un violador en tu camino*, criada pelo coletivo feminista chileno *Las Tesis*, que viralizou no final de 2019, bem como

<sup>27</sup> Este estudo faz parte do Projeto “A internet como campo de disputa pela Igualdade de Gênero”, realizado no Laboratório de Estudos de Gênero e História da Universidade Federal de Santa Catarina com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação de Santa Catarina (Fapesc). Registramos também nossos agradecimentos à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig) pelo apoio financeiro à pesquisa que originou este capítulo.

os posicionamentos de internautas brasileiro(a)s através de comentários postados em notícias sobre a performance. Como procedimento metodológico, foi feita uma pesquisa netnográfica<sup>28</sup> exploratória nos comentários de postagens relacionadas à performance no Instagram e no YouTube utilizando a #UmEstupradornoseuCaminho como ferramenta de busca, o que auxiliou no direcionamento da pesquisa, mas também impossibilitou a visualização de postagens sem a *hashtag* escolhida como filtro.

Para a análise, selecionamos páginas de notícias brasileiras onde os comentários foram mais recorrentes. No Instagram, selecionamos o perfil do próprio coletivo *Las Tesis* e do jornalismo independente *MidiaNinja*. No YouTube, selecionamos as páginas dos jornais da grande mídia *O Globo* e *BBC News Brasil*. O período de análise dos comentários compreendeu o mês de novembro de 2019, ano em que a performance foi apresentada pela primeira vez no Chile, até dezembro do mesmo ano, mês em que ela foi reproduzida pela primeira vez no Brasil e gerou maior número de comentários.

## Ciberfeminismo

Uma grande parte das teóricas feministas divide a história do movimento em ondas, o que costuma gerar controvérsias, visto que tal divisão transmite a impressão de um centro propulsor do conhecimento, que o emana para as margens, numa perspectiva ocidental e anglo-americana. Além disso, essa sucessão de ondas deixaria subentendida a ideia de uma sobreposição homogênea e linear nas pautas defendidas pelas mulheres (HEMMINGS, 2009).

Contudo, mesmo não havendo consenso quanto a essas demarcações, Joana Pedro e Marisa Baletto (2021, p. 5) apontam que, até o final da década de 1990, teria havido três ondas com pautas que vão desde “[...] a luta das mulheres pela igualdade de direitos civis, políticos e educativos” até o uso da categoria gênero para tratar “[...] das diferenças, da alteridade, da diversidade e da produção discursiva da subjetividade”. E, com o advento do século XXI, já há discussões sugerindo a “[...] emergência da quarta onda feminista, caracterizada por grandes manifestações de rua, e pelo uso intenso de recursos da internet e das redes sociais” (Idem).

O período de transição entre este século e o passado foi marcado por inúmeros avanços tecnológicos, e isso possibilitou a expansão do ativismo feminista também para o mundo virtual. Como assinalam Amanda Motta e Desirée Pires (2020), com os avanços na tecnologia das últimas décadas, os movimentos sociais, como o feminista, também tiveram que se adaptar para acompanhar os avanços e as demandas das novas gerações cada vez mais conectadas em redes sociais on-line.

Conforme, Mariana Lemos,

O *Ciberfeminismo* surgiu no início da década de 1990 com o aparecimento das primeiras redes de computadores. O movimento teve origens pontuais em diferentes partes do mundo, em especial, em alguns países da Europa, América do Norte, e principalmente na Austrália com o grupo VNS Matrix. (LEMOS, 2009, p. 12).

28 A netnografia é uma abordagem de pesquisa qualitativa desenvolvida por Robert V. Kozinets, na década de 1990. Esta abordagem é utilizada principalmente para estudar as interações humanas e a cultura on-line em comunidades virtuais, como fóruns, grupos de discussão, redes sociais, entre outros espaços na Internet onde as pessoas se reúnem para discutir interesses comuns. O termo “netnografia” combina “internet” e “etnografia”, sugerindo uma adaptação da pesquisa etnográfica tradicional ao ambiente digital. A netnografia envolve a imersão do pesquisador no ambiente on-line que está sendo estudado. Isto inclui a observação ativa de discussões, participação em interações comunitárias, coleta de dados, análise de conteúdo e interpretação de significados culturais presentes neste espaço virtual.

Existem diversas definições para o que seria exatamente o ciberfeminismo ou o ativismo feminista nas redes sociais. No livro *Ciberfeminismo: novos discursos do feminino em redes eletrônicas* este conceito é definido como “[...] uma prática feminista em rede, que tem por intuito, tanto politicamente, quanto esteticamente, a construção de novas ordens e desmontagem de velhos mitos da sociedade através do uso da tecnologia” (LEMOS, 2009, p. 9).

O ciberfeminismo não traz para o movimento novas pautas e reivindicações, mas expõe novas formas de comunicação, diferentes maneiras de apresentar o feminismo para as pessoas e modos renovados de abordar as pautas que estavam presentes em outras estratégias de luta (SARMENTO, 2021). A partir dessas abordagens, o feminismo se ampliou e alcançou um número cada vez mais expressivo de mulheres, especialmente os segmentos mais jovens que se identificam com as demandas do movimento.

A presença constante do feminismo no ciberespaço possibilitou também a formação de inúmeros coletivos feministas nas redes sociais. Podemos encontrar perfis voltados para divulgar informações sobre as lutas feministas, organizar protestos ou acolher mulheres vítimas de violência (SARMENTO, 2021), tanto no Instagram – um dos focos principais deste artigo – quanto no Facebook e no Twitter. Portanto, meninas cada vez mais jovens vêm tendo acesso a este tipo de conteúdo, se juntando ao movimento e começando a estudar teoria feminista, incentivadas por essas páginas.

Além de tornar o movimento mais acessível para um maior número de mulheres, o ciberfeminismo também utiliza essas plataformas como uma estratégia política para fazer circular informações – em uma perspectiva feminista – e para construir redes de solidariedade e apoio a partir das redes sociais on-line. Como consequência, cresceram também os relatos públicos dos abusos sofridos por mulheres, sejam eles físicos e/ou psicológicos (SARMENTO, 2021). Com o aumento desses relatos, as ativistas começaram a recorrer a estratégias para que as vítimas fossem ouvidas. A principal delas é o uso de *hashtags* nas redes sociais para fazer com que determinado assunto seja mais comentado e, assim, ganhe visibilidade nas grandes mídias.

Alguns exemplos deste tipo de estratégia foram as #ELENÃO que viralizaram no ano de 2018 em protesto aos posicionamentos misóginos do então candidato à presidência Jair Bolsonaro (MOTTA; PIRES, 2020); a #justiçapormariferer que ganhou grande visibilidade em 2020, quando a jovem influenciadora Mariana Ferrer foi dopada e estuprada em um evento de trabalho, mas, mesmo com todas as provas, a justiça absolveu o estuprador; ou ainda a #UmEstupradornoseuCaminho, que será analisada neste capítulo, proveniente de um protesto feito pelo coletivo feminista chileno *Las Tesis* explicitando a impunidade dos crimes contra as mulheres no Chile, que acabou repercutindo pelo mundo todo, inclusive no Brasil, onde várias mulheres foram às ruas protestar contra a violência de gênero e a impunidade dos criminosos.

## Um estuprador no seu caminho

A intervenção artística *Un violador en tu camino* foi criada pelo coletivo feminista *Las Tesis* e apresentada, pela primeira vez, no dia 20 de novembro de 2019 nas ruas da cidade portenha Valparaíso, no Chile, com o objetivo de denunciar a impunidade dos crimes de violência contra mulheres e o descaso da justiça. Este coletivo nasceu no ano de 2018 com as atrizes e professoras

Sibila Sotomayor e Dafne Valés, a diretora de arte Paula Cometa e a estilista e figurista Lea Cáceres, com a objetivo de transformar as teses feministas em apresentações artísticas, tornando o feminismo uma pauta mais acessível à população em geral.

Em entrevista para a BBC News, as criadoras da música contaram que, para escrevê-la, se inspiraram nas teorias sobre as estruturas elementares da violência, da antropóloga feminista argentina Rita Laura Segato, e no fato de que, no Chile, as mulheres vítimas de violência de gênero raramente encontram justiça (PAIS, 2019).

A peça para a qual a música foi criada seria lançada no dia 24 de outubro de 2019, conforme explicaram as ativistas. Porém, a partir do dia 18 foi iniciado no Chile uma série de protestos que tomou as principais ruas da capital, Santiago, expandindo-se logo para outras cidades do país. Estes protestos começaram devido ao aumento nas tarifas do transporte público, mas rapidamente ganharam proporções bem maiores, tornando-se uma grande explosão social contra o neoliberalismo, as políticas do governo de Sebastián Piñera – que ampliaram o custo de vida – as violações de direitos contra jovens mapuches, os baixos salários, a violência policial, dentre outras pautas, culminando no pleito por uma nova constituição nacional democrática e participativa em substituição à Constituição de 1980, herdada da ditadura do general Augusto Pinochet.

Nesse contexto de efervescência política e de reivindicação de direitos humanos, a estreia da peça foi cancelada, mas o coletivo *Las Tesis* foi convidado a se apresentar no dia 20 de novembro, como parte dos protestos na cidade portuária de Valparaíso, momento em que veio a público *Un violador en tu camino*. Conforme ressalta Gabriela Wieczorek (2021, p. 81), embora o propósito inicial do coletivo não fosse o de criar uma performance de protesto, “o trecho musicado ultrapassou a proposta da peça original e, em alguns dias, as integrantes receberam convites para coordenar a performance em diferentes cidades chilenas”.

Em 25 de novembro, após chamadas em redes sociais – principal meio de organização dos protestos chilenos naquele momento – a performance foi realizada nos arredores da *Plaza Baquedano*<sup>29</sup> rebatizada pelos manifestantes como *Plaza de la Dignidad*, onde centenas de pessoas reuniram-se para marcar o Dia Internacional para a Eliminação de todas as formas de Violência às Mulheres. Nove dias depois, em 04 de dezembro, foi a vez de mulheres da faixa etária acima de 40 anos performarem a música com milhares de manifestantes, em frente ao Estádio Nacional do Chile, símbolo da repressão da ditadura de Pinochet. Na mesma semana, mulheres mapuche também realizaram a performance adaptada para o idioma mapudungú (WIECZOREK, 2021, p.82).

No primeiro e segundo parágrafos, a música nos apresenta o patriarcado, sistema responsável pelas violências sofridas pelas mulheres, ao mesmo tempo, naturalizadas e obscurecidas.

O patriarcado é um juiz  
que nos julga por nascer,  
e nosso castigo  
é a violência que você não vê  
O patriarcado é um juiz  
que nos julga por nascer,

29 Praça que homenageava o general Manuel Jesús Baquedano González, responsável pela invasão de territórios mapuches (povo indígena do centro-sul chileno), na região de Araucanía, nos anos 1860. A estátua do militar foi alvo dos protestos de novembro de 2019 e precisou ser retirada depois de ser, pichada, incendiada e atacada com martelos e serra elétrica (GIOVANAZ, 2021).

e nosso castigo  
é a violência que você já vê  
(COLETIVO LAS TESIS, 2019)<sup>30</sup>

A música aponta o dedo para o sistema e o acusa de ser conivente com o feminicídio, o estupro e a impunidade dos criminosos; reitera veementemente que a culpa não é das mulheres e nem de nada que elas fizeram no momento da violência, mas do sistema patriarcal que estrutura todas as instituições e, em seu conjunto, oprimem as mulheres e são cúmplices das violências dirigidas a elas.

É feminicídio.  
Impunidade para meu assassino.  
É o desaparecimento.  
É o estupro.  
E a culpa não era minha, nem onde estava, nem como me vestia.  
O esturador era você. O esturador é você.  
São os policiais,  
os juízes,  
o Estado,  
o Presidente.  
O Estado opressor é um macho esturador.  
(COLETIVO LAS TESIS, 2019)

Por fim, no último parágrafo, a música denuncia de forma irônica a histórica violação de direitos humanos por parte da polícia chilena, ao fazer literalmente referência a trechos do hino da corporação dos Carabineiros.

Dorme tranquila, menina inocente,  
sem preocupar-se com o bandido  
que pelo teu sono doce e sorridente  
cuida a tua querida polícia.  
(COLETIVO LAS TESIS, 2019)

Conforme explicam María Vanesa Gisletti e Claudia Monteiro (2020), o hino estabelece sem nenhuma metáfora o modelo de mulher almejado na sociedade: passiva, frágil, dócil; aquela que merece ser protegida e resguardada pela instituição, logo pelo Estado. Esse modelo é o oposto das mulheres feministas, “desobedientes do mandato patriarcal”, portanto merecedoras, segundo o hino, de castigo por não permanecer obedientes no lugar historicamente reservado a elas. Os sentidos da letra que denunciam a violência policial são reforçados pelas faixas pretas nos olhos e os agachamentos presentes na coreografia.

Outro sentido manifesto na coreografia é a retirada da culpa das vítimas pela violência sofrida, quando as ativistas apontam os dedos para frente no trecho “o esturador é você” deixando claro que essa responsabilidade é de toda a sociedade que mantém o patriarcado e a violência que provém desse sistema e/ou o sustenta. A coreografia também exprime o aspecto de unidade e coletividade entre as mulheres, pois todas estão ali dançando e cantando como uma só, protestando a respeito de algo que afeta a todas, independente de raça, orientação sexual, classe social, religião, dentre outras diferenças e posições. Portanto, a coreografia reforça a ideia de coletividade do feminismo e de que sua força está justamente na coalizão das mulheres.

30 Tradução retirada da matéria jornalística “Movimentos feministas organizam versão em português do manifesto #ElVioladoreresTu. Disponível em: <https://jornalgnn.com.br/cidadania/movimentos-feministas-organizam-versao-em-portugues-do-manifesto-elvioladorerestu>



Figura 1 – Performance de *Un Violador en tu camino*, na Plaza de Armas de Santiago, em 25 de novembro de 2019.

Fonte: Captura de tela do vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GF5WnTnPqMs>

Uma das imagens mais divulgadas de *Un violador en tu camino* vem da apresentação ocorrida na Plaza de Armas de Santiago, centro nevrálgico da capital chilena, que abriga importantes monumentos históricos erguidos sobre o que – antes da invasão colonial espanhola – teria sido o ponto mais importante da civilização Inca nessa região, com santuários e um complexo sistema espacial e espiritual que davam um caráter sagrado a este local (ARÁNGUIZ, 2019).

Ao fundo aparece o Palácio da Corte Real, edificação que já serviu como sede para a Suprema Corte e o Congresso e onde funciona, atualmente, o Museu Histórico Nacional. A escolha tanto da praça quanto dessa construção, em particular, como cenário para a reprodução da performance, está em consonância com a letra da música entoada – em que justiça e governo são acusados pela violência contra mulheres, e chama a atenção para a necessidade de ressignificar locais públicos tomados por simbologias de opressores, entendendo-os como espaços de poder e de memória que estão em constante disputa.

Nessa imagem, além das roupas pretas, que remetem ao luto por milhares de mulheres vitimadas pela violência, destacam-se também os lenços verdes nos pulsos ou amarrados em outras partes do corpo de várias manifestantes. Esse adereço passou a simbolizar a luta das mulheres argentinas pelo direito ao aborto legal, e acabou se espalhando para outros países da América Latina, estando presente em diversas manifestações dos movimentos feministas, inclusive em outras reproduções da performance *Um estuprador no seu caminho* (TEMPONE, 2020).

Depois que as performances no Chile foram gravadas e postadas na internet, a música viralizou nas redes sociais e se tornou um hino feminista contra a impunidade dos crimes de violência de gênero. Ativistas de vários lugares do mundo traduziram e/ou adaptaram a música ao seu contexto e reproduziram a coreografia em seus países como forma de protesto. Gabriela Wieczorek destaca o aspecto notável do deslocamento entre a performance e o coletivo que originalmente a criou, pois “[...] demonstra que as articulações feministas de produção artística e epistêmica em rede são

mais importantes de serem destacadas do que questões de autoria, ainda que a mídia e a Academia insistam em reforçar este último aspecto” (WIECZOREK, 2021, p.82).

A partir da mobilização, por meio das redes sociais, a performance se espalhou, levando milhares de mulheres às ruas do México, Argentina, França, Espanha, Turquia, Colômbia, Estados Unidos, Austrália, Peru, Equador, Venezuela, Alemanha, Índia, entre outros países, para juntas ecoarem suas vozes contra violências, arbitrariedades e injustiças cometidas pelo patriarcado burguês racista.

O final do ano de 2019 também foi marcado por atos em todo o território brasileiro, com grupos de mulheres performando a coreografia e a música de *Um estuprador no seu caminho*. “No Brasil, a primeira intervenção ocorreu no DF, em 29 de novembro, pelo grupo Moviela, durante o Festival de Cinema Brasileiro, no Cine Brasília. Depois em São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Rio Grande do Sul, entre outros estados” (CINTRA, 2019).

A grande maioria dos protestos ao redor do mundo foi gravada e postada nas redes sociais, gerando um amplo debate na internet a respeito da violência de gênero através da #UmEstupradornoseuCaminho e consequentemente conscientizando cada vez mais pessoas a respeito deste problema que as mulheres enfrentam diariamente, mas também mobilizando posições antifeministas.

## O corpo-território na colonial-modernidade

Como mencionado no tópico anterior, a performance chilena *Un violador en tu camino* (2019) buscou inspiração nos escritos da antropóloga feminista decolonial Rita Laura Segato. Esta importante teórica conseguiu perceber, a partir da observação dos sistemáticos feminicídios negligenciados pelo Estado e pela imprensa – ocorridos em *Ciudad Juárez*, no México – uma espécie de linguagem ou código masculinista que ia além da misoginia.

Essa linguagem viril, de acordo com Segato (2005), passou a utilizar os corpos das mulheres como espaço para comunicar aos aliados ou aos inimigos, e também ao poder público, a sua capacidade de controle territorial. E a maior demonstração disso ficou evidenciada na impunidade e no descaso com que as vidas das mulheres foram tratadas pelos órgãos formadores de opinião e pelas instâncias políticas e jurídicas – realidade que não está, evidentemente, restrita ao México, mas se faz presente no mundo todo.

A crítica a essa inércia por parte do poder público em punir os perpetradores de feminicídios e estupros aparece na letra de *Um estuprador em seu caminho* através da masculinização pejorativa e intencional das instâncias de poder na afirmação: “O Estado opressor é um macho estuprador” e também no trecho “o estuprador é você, são os policiais, os juízes, o Estado, o presidente”. Quando masculiniza e relaciona essas instituições como corresponsáveis pelas violações de mulheres, o coletivo *Las Tesis* provoca o efeito de enxergar em tais instâncias uma espécie de pacto de silêncio ou (por que não?) o pacto de um certo tipo de masculinidade que encontra conexão com a rapinagem do próprio sistema da colonial-modernidade para transformar os corpos das mulheres em bens de consumo. A esse poder de mercadorização da vida, que a esteriliza e deixa inerte, Segato (2018) dá o nome de pedagogias da crueldade.

De maneira análoga à postura acusatória manifestada na música, François Vergès<sup>31</sup> reitera não ser “[...] concebível falar em proteger as mulheres das violências sistêmicas a partir de uma abordagem binária, mulheres vítimas e homens algozes, na qual o papel de protetor é confiado ao Estado macho, estuprador” (VERGÈS, 2021, p. 39). Para esta teórica, o Estado é omissivo e seletivo na sua função de oferecer condições seguras de existência, principalmente para grupos historicamente vilipendiados e fragilizados. E a acentuada ação do neoliberalismo, somada ao fortalecimento das polícias, tem resultado na violência extrema do *capitalismo gore*<sup>32</sup>, um capitalismo nefasto e cruento “[...] que faz da masculinidade uma arma a serviço do seu projeto necropolítico” (VERGÈS, 2021, p. 31).

O argumento de Vergès (2021) se alinha ao de Rita Segato (2018) na medida em que ambas entendem o gerenciamento dicotômico da violência contra as mulheres como um debate estéril, uma vez que para elas a explicação para essa violência cada vez mais atroz não deve ser buscada na contraposição simplista entre masculino e feminino, mas na observação da fase histórica em que o modelo capitalista encontra-se, na qual prevalece a falência institucional e a ficcionalidade do Estado, e onde o sentimento de posse é cada vez mais endossado e valorizado.

Essa vontade de se apossar de algo (ou alguém), de acordo com Segato (2018), forja um tipo de masculinidade calcada na agressividade, no hábito de colocar-se em risco, na virilidade e no belicismo, entre outros predicados, que a autora conceitua como o mandato da masculinidade, um modo de agir que estabelece critérios de pertencimento e cria hierarquias para que os homens possam cotidianamente demonstrar que são dignos de tal titularidade. Esse modelo de conduta vê os corpos femininos como um dos locais onde os homens podem se comunicar com seus pares, ou seja, podem se apropriar desses corpos como territórios a fim de dominá-los como demonstração de controle. Por isso, a antropóloga afirma que “Na língua do feminicídio, corpo feminino também significa território, e sua etimologia é tão arcaica quanto suas transformações são recentes” (SEGATO, 2005, p. 278).

As duas situações, tanto a personificação da terra quanto a reificação dos corpos das mulheres, podem ser lidas como processos históricos que seguem colocando o feminino no lugar de submissão, de espaço a ser penetrado e sujeito a violências sem qualquer reparação. Essa é mais uma denúncia que pode ser percebida na letra de *Um estuprador no seu caminho*: “É feminicídio/ Impunidade para meu assassino/ É o desaparecimento/ É o estupro”. E o que esta performance faz é justamente romper com a ideia de passividade, através de um desabafo catártico e acusatório que retira as mulheres do papel de sujeição nesse cenário de violência e passa a cobrar respostas. A letra, o tom de voz e os movimentos corporais produzem o sentido de protagonismo para as mulheres, faz delas corpos políticos que possuem uma potência de vida e transformam a sua existência em uma prática de liberdade.

A correlação de significantes entre o corpo-território proposto por Segato (2005) e o território feminizado de que fala McClintock (2010) demonstra como o sentimento de posse alicerça as relações de gênero atravessando séculos e gerações, de modo a retroalimentar o patriarcado burguês racista que julga as mulheres desde o nascimento (“o patriarcado é um juiz que nos julga por

31 François Vergès, cientista social francesa, abre a introdução do seu livro *Uma teoria feminista da violência* (2021) citando a letra da performance *Um violador em seu caminho*.

32 Expressão cunhada pela ativista Sayak Valencia (2018).



nascer”). Pois é com base nos valores patriarcais que as mulheres têm seu comportamento visto, reiteradamente, com desconfiança. Nesse sentido, Segato (2018, p. 44) afirma que “[...] o estupro, nada mais é que um moralizador”, alguém que julga a sua vítima e a condena (ao estupro, como punição), por isso no verso “E a culpa não era minha, nem onde estava, nem como me vestia” o coletivo *Las Tesis* refuta os discursos moralistas que tentam justificar a violência sexual questionando o comportamento ou os hábitos da vítima.

Na versão brasileira da performance, a parte final faz menção à morte da vereadora Marielle Franco, ocorrida em 14 de março de 2018, no Rio de Janeiro. O verso “Marielle presente, o assassino dela é amigo do presidente” denuncia a relação entre o então presidente Jair Messias Bolsonaro e os criminosos que executaram Marielle e seu motorista, Anderson Gomes. É preciso salientar que esses assassinatos e a demora em encontrar os mandantes ocorrem em um cenário de crescente desmantelamento de políticas públicas e de precarização da vida da população mais pobre, pautas que faziam parte da atuação de Marielle como vereadora.

Aspectos similares, inclusive, aos que mobilizaram as manifestações do outubro chileno de 2019, com demandas que se opuseram às intensas privatizações dos serviços básicos e à flexibilização de leis trabalhistas, bem como denunciavam casos de perseguição e assassinatos de líderes comunitárias e ativistas políticas como os de Macarena Valdés, Nicolasa Quintreman e Albertina Martínez Burgos (GISLETTI; MONTEIRO, 2020).

Não por acaso essa é também uma das questões que Rita Segato menciona quando problematiza as “misteriosas” mortes das mulheres de *Ciudad Juárez*, ocorridas em “[...] um contexto de desestatização e de neoliberalismo, [que] não pode senão instalar um totalitarismo de província, em uma conjunção regressiva entre pós-modernidade e feudalismo, em que o corpo feminino volta a ser anexado ao domínio territorial” (SEGATO, 2005, p. 280).

Embora muitos homens tenham se ressentido com a letra da música (como fica demonstrado em alguns comentários registrados nas plataformas onde a performance foi postada), a perspectiva que perpassa *Um estupro no seu caminho* vai além da responsabilização individual dos homens pelos crimes de estupro, tanto que quando é dito “o estupro é você”, na sequência também apontam: “são os policiais, os juízes, o Estado, o presidente”, pois como dito anteriormente, a partir de Segato e Vergès, o objetivo não é resumir o problema da violência contra as mulheres a uma oposição generificada.

Que essa performance tenha partido de um coletivo latino-americano – localizado em um continente que sofreu o processo de colonização, os regimes ditatoriais e, agora, concentra a maioria das cidades violentas do mundo (SEGATO, 2018) –, é também um fator que produz sentidos. A forte repercussão que ela alcançou demonstra que as mulheres do mundo todo – mas as da América Latina, principalmente – estão fartas de tanta violência, de ter seus corpos massacrados e descartados, de ver dedos apontados contra si, de ouvir que a polícia é capaz de protegê-las e de, cotidianamente, ter de lidar com assédios. Daí a grande importância da explicitação desse basta, nas ruas e nas redes, através de uma linguagem que se faz inteligível de múltiplas formas: no texto enunciado, na sonoridade da letra e na gestualidade dos corpos.

As efervescentes e intensas discussões, como as de Segato, Vergès e tantas outras teóricas feministas, sobre a relação entre o processo de colonização exercido nos territórios do Sul Global e a colonialidade que continua a ser aplicada sobre os corpos femininos – sobretudo os intersec-

cionados por marcadores de raça/etnia, classe, orientação sexual ou identidade de gênero – são, da mesma forma, fundamentais para buscarmos métodos eficazes de enfrentamento à violência contra as mulheres e todos os corpos feminizados e desobedientes ao mandato da masculinidade. A problematização das marcas aqui deixadas pela matriz colonial de poder implica em compreender como as hierarquias e os mecanismos de dominação continuam a ecoar nas relações de gênero da colonial-modernidade do presente.

## Ressonâncias on-line

Os protestos com a música *Um Estuprador no seu Caminho* reverberaram no mundo todo, com um número expressivo de postagens na internet a este respeito, tornando-se notícia em vários canais de informação. Atualmente, é comum que os jornais ou páginas de informação postem suas reportagens nas redes sociais com o objetivo de atingir um número maior de pessoas, o que possibilita aos internautas espaço para compartilhar suas opiniões na sessão de comentários e isso não seria diferente com o protesto da #UmEstupradornoseuCaminho.

Em vista disso, foram selecionadas as matérias publicadas pelos jornais *O Globo* e *BBC News Brasil* em seus canais do YouTube e pela página de notícias *MídiaNinja* em sua conta do Instagram. Os dois tipos de veículos informativos são bem diferentes entre si, pois os jornais *O Globo* e *BBC News Brasil* se apresentam como noticiários mais tradicionais, com notícias pretensamente imparciais e ambos fazem parte de grandes grupos empresariais. Em contrapartida, o *MídiaNinja* se coloca como um veículo com posicionamento político que luta por uma informação democratizada, além de apoiar abertamente inúmeras causas e movimentos, sendo o feminismo um deles. Os comentários analisados no Instagram foram feitos entre os dias seis e dez de dezembro de 2019, enquanto os comentários do YouTube foram feitos entre os dias primeiro e quatorze de dezembro de 2019.

Não surpreende a grande divergência nos tipos de comentários encontrados nas duas formas de jornalismo. Os comentários feitos nas postagens do *MídiaNinja* são majoritariamente de mulheres apoiando os protestos, elogiando a música e parabenizando as ativistas que foram às ruas. Nessas postagens elas se dizem emocionadas e orgulhosas com o alcance dos protestos e incentivam a mobilização de outras mulheres: “Vamos pra rua! Avante mulheres! Um levante nacional é urgente e necessário!”.

Também existem comentários de homens elogiando o movimento, porém a maioria das postagens masculinas é negativa e contem ridicularizações, ou demonstram que se sentiram ofendidos pelos protestos. Este é o caso de um internauta que questiona: “É pré-requisito ser feia pra ser feminista? Kkkkkkkkkk..... gostei muito da parte onde elas me chamam de estuprador”; ou outro que reclama: “Meu pai é juiz, me senti ofendido. Meu pai nunca ia estuprar alguém”. É comum encontrar comentários, nas postagens negativas a respeito da performance, em que as manifestantes são chamadas de desocupadas, feias, histéricas e toscas, discursos que remetem para estereótipos associados ao movimento feminista desde a época da luta pelo sufrágio feminino, entre o final do século XIX e início do XX.

Já nos vídeos do YouTube postados pelos canais da *BBC News Brasil* e de *O Globo*, os comentários são mais diversificados, o número de pessoas apoiando e condenando o movimento é mais equilibrado, fato que resultou em inúmeras discussões entre as/os internautas. Enquanto alguns

homens demonstram ter entendido o propósito das reivindicações com comentários do tipo: “Oxe, bando de homem incomodado com mulher dizendo que não tem culpa por sofrer abuso sexual, que doidera”; existem outros que projetam um futuro distópico e se colocam como futuros oprimidos pelas mulheres: “Não duvido que daqui uns 30 anos, nós homens vamos ser aprisionados em prisões de segurança máxima e serviremos apenas para procriação”.

Há, ainda, um tipo de comentário que continua alimentando o discurso de que a responsabilidade por evitar a violência é da própria mulher, seja argumentando que são as mulheres que educam e criam as crianças e, portanto, se um homem pratica o estupro é porque a mãe falhou na função de educá-lo, ou dizendo para a mulher: “Não exija que o mundo seja como sua sala de estar segura, feminista. Pessoas loucas vão sempre existir, então é sua responsabilidade evitar situações que te coloquem em risco. O Estado não é seu pai e ele não tem que arcar com as consequências de suas decisões ruins”. Comentários como esse, antes de tudo, ignoram que nem mesmo a casa é um local seguro para as mulheres, visto que grande parte das violências acontece no espaço doméstico, e demonstram que muitos homens não entenderam ou se recusam, tacitamente, a entender o principal verso da música “E a culpa não era minha”.

Apesar das diferenças entre o teor dos comentários dos dois tipos de veículo de informação, existem também algumas semelhanças. Nos dois cenários, grande parte dos comentários negativos é feita por homens. Além disso, existe uma quantidade considerável de comentários ligando os protestos e o feminismo a certos espectros políticos. Porém, os mais importantes são aqueles vindos de mulheres que, vendo os protestos, se sentiram seguras o suficiente para compartilhar as suas histórias de abuso e agressão. Foi esse o caso de uma internauta que postou o seu relato:

Só uma mulher sabe o que significa esse canto. Fui abusada quando criança mas nunca contei pra ninguém. Tinha uns 5 ou 6 anos. Nem sabia que aquilo era um abuso. Morava em fazenda e com certeza eu seria a culpada. Aos 52 anos ainda dói muito. Por isso esse movimento me representa. Aos poucos estou me livrando dessa culpa.<sup>33</sup>

Relatos como esse demonstram que a força do ativismo feminista, na internet, e a disseminação dos protestos virtuais fazem das redes sociais um espaço onde as mulheres que sofreram violência de gênero se sentem seguras e acolhidas. Assim, são encorajadas a compartilhar suas histórias denunciando os agressores e incentivando também outras mulheres a fazer o mesmo, o que cria uma rede de apoio e suporte virtual.

## Considerações finais

Analisando o movimento da #UmEstupradornoseuCaminho, percebemos como a internet se tornou um espaço importante de luta feminista contra a violência de gênero. Com as ferramentas corretas é possível utilizar as redes sociais como local de debate, apoio, solidariedade e aprendizado. A capacidade e a velocidade com a qual as informações são distribuídas têm auxiliado na disseminação das lutas e pautas feministas, que estão alcançando cada vez mais mulheres de raça, sexualidade, classes sociais e nacionalidades diferentes.

33 Comentários retirados do vídeo a respeito dos protestos no Chile no YouTube do Jornal *O Globo*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gD5CKuB0t3s>. Acesso em 11/12/ 2019.

A internet e as redes sociais conseguem reunir mulheres de vários lugares do Brasil e do mundo para lutarem contra a violência de gênero e a agência do Estado patriarcal que nos cerca. Fato que fortalece o movimento, pois o feminismo é uma luta coletiva e, para conseguirmos suprir as nossas pautas, precisamos estar unidas.

Nos comentários das postagens da #UmEstupradornoSeuCaminho, identificamos alguns relatos de mulheres que conseguiram contar sobre as violências que passaram por se sentirem representadas e acolhidas pela letra da música cantada nos protestos. Assim, percebemos como o ciberespaço vem se mostrando uma ferramenta extremamente importante na luta contra a violência de gênero e como o movimento feminista tem aprendido a usá-la a seu favor.

Porém, infelizmente, ainda existe grande relutância das pessoas em relação ao feminismo e podemos perceber isso pelo número significativo de comentários negativos, provenientes principalmente de perfis masculinos, nas postagens a respeito dos protestos. Movimentos antifeministas vêm ganhando força nos últimos anos e a internet também se mostrou um lugar propício para que se espalhem cada vez mais.

Neste cenário, o ciberfeminismo se torna ainda mais importante, pois auxilia no combate efetivo contra os movimentos antifeministas, já que, diferente destes, é pautado em dados e em estudos científicos. Sendo assim, o ativismo feminista na internet, além de criar redes de apoio para mulheres, democratizar o movimento, denunciar violências e organizar protestos e reivindicações, também ajuda a desmentir as falácias espalhadas pelas organizações antifeministas que se beneficiam com o patriarcado burguês racista.

## Referências

- ARÁNGUIZ, Cristian. *A história dos esquecidos*: descobertas arqueológicas reescrivem passado do Chile. Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/fotografia/2019/09/historia-dos-esquecidos-descobertas-arqueologicas-reescrivem-passado-do-chile>. Acesso em 05/10/2023.
- CINTRA, Carolina. *Um estuprador em seu caminho*: ato feminista mundial chega a Brasília. Disponível em: [https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2019/12/12/interna\\_cidadesdf,813523/um-estuprador-em-seu-caminho-ato-feminista-mundial-chega-a-brasilia.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2019/12/12/interna_cidadesdf,813523/um-estuprador-em-seu-caminho-ato-feminista-mundial-chega-a-brasilia.shtml). Acesso em 06/10/2023.
- DUTRA, Zeila Aparecida Pereira. A primavera das mulheres: Ciberfeminismo e os Movimentos Feministas. *Revista Feminismos* Vol.6, N.2, Mai.–Ago. 2018, 19–31.
- FBSP. Nota Técnica. *Violência Doméstica durante a pandemia de Covid-19*. São Paulo: FBSP/Decode, 2020.
- EL violador eres tu – o que é a performance que o mundo está reproduzindo? *MidiaNinja*, 2019. Disponível em: <https://midianinja.org/news/el-violador-eres-tu-o-que-e-a-performance-que-o-mundo-esta-reproduzindo/>. Acesso em: 21/06/23.
- FONSECA, Inara. *O papel do movimento feminista chileno para enterrar o legado do ditador Pinochet*. Portal Catarinas, 2020. Disponível em: <https://catarinas.info/o-papel-do-movimento-feminista-chileno-para-enterrar-o-legado-do-ditador-pinochet/>. Acesso em 23/11/2022.
- GIOVANAZ, Daniel. *Por que o local da foto símbolo dos protestos de 2019 é disputado até hoje no Chile?* Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/04/16/por-que-o-local-da-foto-simbolo-dos-protestos-de-2019-e-disputado-ate-hoje-no-chile>. Acesso em 06/10/2023.

- GISLETTI, Maria Vanesa.; MONTERO, Claudia. *El octubre chileno: voces y luchas feministas*. Descen- trada. La Plata: FAHCE, v. 4, n. 1, maço. 2020. Disponível em: [https://www.descentrada.fahce.unlp.edu. ar/article/view/DESe111](https://www.descentrada.fahce.unlp.edu.ar/article/view/DESe111). Acesso em: 02/10/2023.
- HEMMINGS, Clare. Contando estórias feministas. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 17, n. 1, 2009.
- KOZINETS, Robert. *Netnografia: Realizando pesquisa etnográfica online*. São Paulo: Editora Penso, 2010.
- LE MOS, Mariana Gazire. *Ciberfeminismo: Novos discursos do feminino em redes eletrônicas*. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/PUC-SP. São Paulo, 2009.
- MAIA, C. J. Uma pandemia de longa duração: violência de gênero contra as mulheres. *Revista Mosaico*, v. 13, p. 219–231, 2020.
- MCCLINTOCK, Anne. *Couro Imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial*. Campinas: Edunicamp, 2010.
- MOTTA, Amanda; PIRES, Desirée. Todo espaço é político: Ativismo de mulheres nas redes sociais. Uni- versidade Federal do Rio Grande/FURG: *Revista Docência e Cibercultura*, 2020.
- MOVIMENTOS feministas organizam versão em português do manifesto #ElVioladorEresTu. Jornal GGN, 2019. Disponível em: <https://jornalggn.com.br/cidadania/movimentos-feministas-organizam-ver- sao-em-portugues-do-manifesto-elvioladorerestu/>. Acesso em: 25/11/2022.
- QUEM somos. *MIDIA Ninja*. 2016. Disponível em: <https://midianinja.org/quem-somos/>. Acesso em 23/11/ 2022.
- PEDRO, Joana Maria; BARLETTTO, Marisa. Movimentos feministas e academia: tensões e alianças. *Revista Feminismos*, Bahia, v.7, n.1, 2019.
- PERGUNTAS frequentes. *MIDIA Ninja*. 2016. Disponível em: <https://midianinja.org/perguntas-fre- quentes/>
- PAIS, Ana. 'O estuprador é você': o que pensam as criadoras do hino feminista que virou fenômeno global. BBC News Brasil, 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-50711095>. Acesso em 12/07/23.
- SARMENTO, Rayza. *Ativismo Feminista Online: mapeando eixos de atuação*. Universidade Federal de Viçosa: Revista Sul-Americana de Ciência Política, v.7, n.1, 19-37, 2021.
- SEGATO, Rita Laura. *Contra-pedagogias de la crueldade*. – 1ª ed. – Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Prometeo Libros, 2018.
- SEGATO, Rita Laura. Território, soberania e crimes de segundo Estado: a escritura nos corpos das mulhe- res de Ciudad Juarez. *Revista Estudos Feministas*, v. 13, n.2, p. 265-285, maio/agosto. 2005.
- TEMPONE, Denise. *Por que o lenço verde é um símbolo feminista na América Latina?* Disponível em: <https://www.domestika.org/pt/blog/6348-por-que-o-lenco-verde-e-um-simbolo-feminista-na-america-la- tina>. Acesso em: 04/10/2023.
- VERGÉS, François. *Uma teoria feminista da violência: por uma política antirracista da proteção*. São Paulo: Ubu Editora, 2021.
- WIECZOREK, Gabriela Traple. O coletivo LAS TESIS, o *estallido* social chileno e a mobilização em rede nos espaços urbanos e digitais. *Revista Discente Ofícios de Clio*, Pelotas, vol. 6, n.º 11, julho-dezembro de 2021.